

# Brasil, um país bipolar – alteridades antagônicas em disputa

**Mara Rovida Martini**

*Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP  
Email: mara.rovida@prof.uniso.br*

O tónus de bipolaridade crescente no Brasil aparece como um problema de pesquisa a ser trabalhado a partir da conjugação de áreas diferentes como a comunicação, as ciências sociais e a psicanálise. A busca por um arcabouço teórico adequado para delinear uma estratégia de abordagem dessa conjuntura brasileira contemporânea é apresentada neste trabalho. Partindo da sistematização de dados quantitativos e qualitativos (pesquisa bibliográfica) desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa do CNPQ Comunicação e Sociedade do Espetáculo (de 2013 a 2016), busca-se uma forma de interpretar o processo de polarização social, tendo como suporte para reconstituir esse cenário as narrativas jornalísticas (pesquisa documental). Além de usar o jornalismo como fonte documental, questiona-se o papel desempenhado por esse espaço de visibilidade neste processo. O ponto de partida teórico trabalhado se fundamenta na costura de duas referências principais, embora o diálogo alcance outros autores; trata-se da noção de comportamento em grupo apresentada por Freud e a perspectiva de maiorias e minorias em disputa de Arjun Appadurai.

**Palavras-chave:** Alteridades em disputa; Psicologia de grupo; Manifestações populares; Narrativa jornalística

## Brazil a bipolar country – antagonistic otherness on dispute

A bipolar tonus is increasing in Brazil and it is becoming a researching problem that must be faced with social communication, social science and psychoanalysis knowledge. The objective is to find a theoretical framework as well as an efficient research methodology to plan a strategy to study this Brazilian contemporary political and social situation. To find out an appropriate approach to study this polarization, it is used quantitative and qualitative data (bibliography approach) of the CNPQ Group Comunicação e Sociedade do Espetáculo from 2013 until 2016. The journalistic narratives are used as documental source (documental approach) and also it is presented a question about the hole those communication spaces play in this scenario. The first movement of this project is based on a proposed dialogue between two theoretical references, in other words Freud's group behavior theory and Arjun Appadurai's perspective of minorities and majorities conflicts.

**Key-words:** Otherness on dispute; group psychology; Popular manifestations; Journalistic narratives

## Brasil, un estado bipolar: alteridades contrarias en altercación

La tonicidad bipolar en Brasil aparece como un problema de investigación que debe ser trabajado a partir de la conjugación de diferentes áreas como la comunicación, las ciencias sociales et la psicoanálisis. La búsqueda por un referente teórico adecuado para delinear una estrategia de abordaje de esa realidad brasileña actual es presentada en este texto. A partir de la sistematización de datos cuantitativos e cualitativos (investigación bibliográfica) desarrollada por le grupo de investigación de CNPQ Comunicação e Sociedade do Espetáculo (de 2013 a 2016), buscarse una forma de interpretar el proceso de polarización social con el soporte de las narrativas periodísticas (investigación documental). Mas allá de usar el periodismo como fuente documental, preguntase acerca del papel desarrollado por este espacio de visibilidad en esto proceso. El ponto de partida teórico fundamentase en la costura de dos referencias principales, a pesar de el dialogo alcanzar otros autores; tratase da noción de comportamiento de grupo presentada por Freud e la perspectiva de mayorías e minorías en altercación de Arjun Appadurai.

**Palabras-clave:** : Alteridades en altercación; Psicología de grupo; Manifestaciones populares; Narrativa periodística

Em 2016, a conjuntura social e política no Brasil pode ser considerada como constituída por uma cisão, uma divisão bipolar. A sociedade brasileira, nesse período<sup>1</sup>, tem sido observada, de forma geral, mas não generalista, como uma nação dividida em dois grupos antagônicos formados em torno das diferenças de posições e opiniões sobre a organização do Estado Nacional. Nesse embate, um tônus de antagonismo irreconciliável parece ter se formado a ponto de se identificar a impossibilidade crescente de diálogo entre os indivíduos vinculados ou auto-identificados a um dos lados desse processo.

Essa perspectiva se baseia na observação de um fenômeno social caracterizado pela intensa interferência da comunicação e pela espetacularização da participação dos indivíduos e grupos no debate público. O acompanhamento deste processo tem sido realizado de forma sistemática por pesquisadores que fazem parte do Grupo do CNPQ Comunicação e Sociedade do Espetáculo, coordenado pelo professor Claudio Novaes Pinto Coelho. De 2013 a 2016, foram apresentados nos seminários anuais realizados pelo grupo 91 trabalhos que dialogam com a temática comunicação, cultura e política na Sociedade do Espetáculo. Desse montante, oito artigos tiveram como foco a temática da polarização social e o papel desempenhado pela imprensa e, conseqüentemente, pelos indivíduos que possuem visibilidade nesses espaços de comunicação. É a partir da leitura dos dados apresentados nesse material que o presente artigo se desenvolve.

O esvaziamento de sentido observado nos discursos proferidos e propagados por figuras ilustres, bem como por ilustres desconhecidos, é um forte indicador do processo de espetacularização nos moldes apresentados por Debord (2012). Mas essa constatação não parece suficiente para definir como uma onda de agressividade tomou conta, primeiro, dos espaços de comunicação e, depois, passou a orientar as interações entre as pessoas no espaço público.

O chamado tônus de bipolaridade não pode ser considerado como um fenômeno transitório ou de baixo impacto, uma vez que exemplos de consequências violentas podem ser anotados. Além disso, indícios de que esse processo vem se mantendo, entre picos de intensidade e eferescência, desde as chamadas Jornadas de Junho de 2013 devem ser levados em consideração para não subestimar os resultados do prolongamento desse cenário.

O objetivo central deste trabalho se funda em um movimento analítico que pretende encontrar uma maneira de estudar esse fenômeno social. Assim, propõe-se identificar algumas referências teóricas que possam ser elencadas como apropriadas para uma interpretação do fenômeno, tendo em perspectiva um cenário que é observado a partir das narrativas jornalísticas. A base material para esse movimento reflexivo é o conjunto de dados produzidos pelos oito trabalhos acima mencionados.

1. Esse período compreende as chamadas Jornadas de Junho de 2013 até meados de 2016.

Tais estudos, tomados individualmente, têm como objetivo compreender etapas ou episódios mais específicos do período aqui estudado a partir de análises de mídia com metodologias que compreendem estudos de caso, análise do discurso, análise de conteúdo e pesquisa documental. Tomados em conjunto, os dados dos oito trabalhos são usados como ponto de partida para compor o cenário aqui discutido (pesquisa bibliográfica). Além disso, algumas narrativas da imprensa – publicadas no período que compreende a tramitação do processo de impedimento da então presidente da República Dilma Rousseff – que não necessariamente fazem parte do corpus dessas pesquisas foram escolhidas e usadas para ilustrar o aqui nomeado tónus bipolar (pesquisa documental).

## Leitura de mídia

O cenário que será alvo de reflexão a seguir é desenhado a partir da observação e análise de narrativas jornalísticas presentes na cobertura do período que compreende as chamadas Jornadas de Junho de 2013 até a finalização do processo de impeachment de Dilma Rousseff em 2016. A proposta de interpretação dessa conjuntura tem por base o diálogo desenvolvido com os pesquisadores que atuam no Grupo de Pesquisa do CNPQ Comunicação e Sociedade do Espetáculo. A seleção dos oito artigos usados como base material para a presente reflexão, num universo de 91 trabalhos apresentados, seguiu os seguintes critérios: artigos assinados por membros permanentes do grupo – uma vez que, nos seminários, pesquisadores externos e convidados participam –; trabalhos finalizados, ou seja, cujo texto final foi entregue no prazo estabelecido pela organização dos eventos; pesquisas que dialogavam com a temática do presente estudo.

Sete dos oito trabalhos utilizados têm como base o período citado anteriormente, apenas um artigo traz dados que antecedem esse lapso temporal. Trata-se do texto “A construção da imagem política de Dilma Rousseff na mídia: a propaganda televisiva x a cobertura jornalística na Folha e no Estado na campanha de 2010”, assinado por Katia Saisi e posteriormente publicado em revista acadêmica. Nesse trabalho, a pesquisadora utilizou dados de um estudo de fôlego desenvolvido em seu doutoramento em que um comparativo entre os discursos oficiais da campanha dos candidatos à Presidência da República em 2010 e a narrativa jornalística da Folha de S. Paulo e de O Estado de S. Paulo sobre os candidatos foi desenvolvido. Foram analisadas 1.707 matérias jornalísticas no 1º turno das eleições (850 publicadas na Folha de S. Paulo e 857 publicadas em O Estado de S. Paulo), 954 textos no 2º turno (463 da *Folha de S. Paulo* e 491 de *O Estado de S. Paulo*) e 387 inserções de propaganda dos dois principais candidatos à Presidência da República (229 de Dilma Rousseff e 158 de José

Serra). O estudo pareceu pertinente, embora esteja fora do período recortado, porque traz indicações de um enquadramento das narrativas jornalísticas que se consolida nos anos seguintes, de acordo com os outros trabalhos selecionados.

O estudo de Saisi usou como metodologia de pesquisa a análise de conteúdo e a pesquisa documental. O resultado apresentado pela pesquisadora indica que no processo de debate político durante a corrida eleitoral de 2010 já se observa um discurso próximo entre os dois principais jornais de São Paulo cujo enfoque é apresentar o Partido dos Trabalhadores (PT) e sua então candidata, Dilma Rousseff, como “projeto anti-Brasil” (Saisi, 2014, p.48).

Com metodologia semelhante, Deysi Cioccarri apresenta uma pertinente contribuição. Em 2016, Cioccarri, em parceria com um pesquisador externo ao grupo, analisou a cobertura da Folha de S. Paulo sobre o debate a respeito do processo de impeachment de Dilma Rousseff. O recorte compreende desde o momento da admissão da denúncia pela Câmara dos Deputados até a conclusão do processo de impedimento (17/4/16 a 31/8/16). A metodologia aplicada foi a análise de conteúdo, para seleção e classificação dos dados, e a agenda setting, para interpretação das narrativas. A partir dos aspectos quantitativos e qualitativos observados, o trabalho constata o agendamento promovido pelo jornal Folha de S. Paulo que enfatizou a característica jurídica do processo, por meio da ênfase nas vozes do Ministério Público e do Supremo Tribunal Federal, e pela trivialidade com que o desfecho era apresentado como certo. O tratamento dispensado aos personagens das narrativas reforça a ideia de que o problema centrava-se na figura da ex-presidente Dilma Rousseff. O artigo também foi publicado em revista acadêmica.

As chamadas mídias alternativas que ganharam espaço justamente no processo das manifestações populares de 2013 também foram alvo de análise. Eliana Natividade se debruçou sobre o fenômeno Mídia Ninja ainda em 2013 e retomou tal reflexão sobre esse coletivo jornalístico em 2015 quando teceu um comparativo com os discursos da grande imprensa – inclui-se nesse conjunto os dois principais jornais impressos de São Paulo e a Rede Globo de Televisão (canal aberto). Segundo Natividade, o discurso de ódio presente nessa conjuntura social ganha reforço na cobertura jornalística, tanto pelo enfoque de certas pautas como pela insistência em determinados temas. A alternativa aos discursos hegemônicos, representada pelo surgimento dos coletivos como Mídia Ninja, se dilui na profusão e difusão do ódio – este passou a ser o aspecto central das reflexões da autora que traz os desdobramentos dessa abordagem também em 2016.

Os outros três trabalhos podem ser compreendidos sob uma perspectiva mais sociológica que toma como base as narrativas jornalísticas (pesquisa documental)

para entender os processos macrossociais brasileiros. O papel da imprensa é levado em consideração, assim as narrativas não são usadas apenas como documentação histórica de passagens recentes, mas também como material para avaliar a participação das empresas de comunicação nesse processo. Rodrigo de Carvalho em dois momentos diferentes, 2013 e 2015, vai traçar um panorama geral da situação política brasileira a partir de um quadro cronológico de acontecimentos avaliados sob a ótica de referências sociológicas. Claudio Novaes Pinto Coelho também traz contribuições nesse debate ao apresentar em 2016 o texto ainda inédito “Poder e sociedade do espetáculo: a atuação da mídia e a democracia no Brasil”. Sob o olhar histórico que demonstra as particularidades da revolução burguesa no Brasil, valendo-se de Florestan Fernandes, o texto indica o papel central exercido pela imprensa brasileira no processo de impedimento de Dilma Rousseff. Tal papel é desempenhado, segundo o pesquisador, pela existência material das empresas de comunicação, com interesses particulares os quais parecem incidir sobremaneira no agendamento das matérias bem como nos textos de opinião do período estudado.

Em nenhuma das pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do grupo, houve um monitoramento organizado dos debates desenvolvidos nas redes sociais. Mas em vários trabalhos, até pela visibilidade dada a essa esfera social virtual pela própria imprensa, essa questão aparece. De maneira resumida, pode-se inferir, com base nos dados obtidos pelos autores dos oito trabalhos selecionados, que a narrativa jornalística preponderante a respeito do cenário político brasileiro indica os governos do PT, desde 2010, como os principais e, em alguns aspectos os únicos, responsáveis por todos os problemas do país. A ênfase na figura da então presidente Dilma Rousseff como entrave para qualquer solução se intensifica em 2016 e as vozes que contradizem essa perspectiva são mostradas como um inimigo a ser vencido. De acordo com as análises do grupo, o agendamento dessa visão é percebido como uma dinâmica insistente entre os veículos jornalísticos do país, embora as atenções realmente estivessem voltadas quase exclusivamente para os dois principais jornais impressos de São Paulo, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Na identificação do grupo causador dos problemas, uma conotação de alteridades em disputa (nós versus eles) vai se concretizando tanto pelo cenário que as narrativas apresentam como pela visão de mundo por elas reforçada. Essa leitura faz parte da contribuição pretendida pelo presente artigo.

Nos próximos tópicos, exemplos mais circunscritos serão utilizados para ajudar na composição do cenário de pesquisa. Tais situações foram escolhidas pela sua representatividade daquilo que os oito estudos, em conjunto, indicam. Mas as narrativas e episódios não fazem, necessariamente, parte do corpus dos oito trabalhos utilizados, embora estejam em consonância com os resultados obtidos.

## O tónus bipolar

As manifestações populares de 2013 ficaram conhecidas como Jornadas de Junho. O Movimento Passe Livre<sup>2</sup> (MPL) foi o principal articulador dos protestos de rua, num momento em que o número de adeptos aos atos públicos ainda era restrito – a adesão aos protestos aumentou expressivamente depois de um episódio em que os excessos da PM de São Paulo foram evidenciados<sup>3</sup>. Dentre os vários pormenores das jornadas, parece pertinente relembrar que após o aumento expressivo da participação da população, vozes conservadoras começaram a ganhar espaço. Esse aspecto de junho de 2013 poderia ser considerado como o ponto inicial desse tónus bipolar observado em contornos mais fortes em 2016; é com essa hipótese que o presente trabalho é elaborado.

A opção por essa hipótese se deve à constatação da crescente presença de um tom conservador e autoritário no debate público. Ainda em 2013, foi possível observar em alguns protestos, grupos vinculados a movimentos sociais das mais diversas esferas, bem como militantes de partidos de esquerda serem hostilizados nos atos públicos. Uma crescente intolerância contra essas vozes, normalmente ligadas à esquerda, foi se tornando cada vez mais acentuada. O embate entre duas correntes opostas parece ter seu início nesse momento.

A percepção dessa reviravolta no cenário político – marcado até então pelos quatro mandatos consecutivos, no mais alto posto do Poder Executivo, de um partido identificado com a esquerda brasileira – é apresentada por Tales Ab’Sáber em entrevista cedida à Revista Brasileiros (edição de 18 de abr. de 2016). Segundo o pesquisador, a direita herdou as ruas e o modo de ocupar o espaço público inaugurado em 2013 pelo MPL e tem usado essa fórmula. Em contraposição, uma espécie de esquerda se apresenta como voz do contraditório e, ao mesmo tempo, reivindica sua manutenção no poder. O problema, na visão de Ab’Sáber, é que esse grupo formado sob o rótulo de esquerda não é muito bem definido com base em um pensamento agregador; há dissonâncias e contradições, inclusive. “O que passamos a chamar de esquerda não é uma esquerda tradicional. É uma espécie de social-democracia mínima” (Ab’Sáber, 2016).

É justamente a partir do embate entre essas duas forças, a direita cada vez mais fortalecida depois de 2013 e a esquerda identificada aos governos do PT, que esse tónus bipolar vai se formando e se mostrando em cores cada vez mais intensas em 2016. O autoritarismo dessas vozes se acirrou a ponto de cenas de violência desmedida e gratuita entre indivíduos e grupos identificados a um e outro lado dessa disputa serem contabilizadas nos vários protestos promovidos no primeiro semestre de 2016. As intervenções do Poder Público e a leitura apresentada pelo jornalismo parecem reforçar essa divisão desagregadora.

O primeiro semestre de 2016, sobretudo os meses de março e abril, foi marcado pelos inúmeros protestos em várias partes do país. O debate público e, consequentemente, a percepção do tónus bipolar foram acirrados após o início da tramitação

2. O Movimento Passe Livre (MPL) se apresenta como um “movimento social independente e horizontal”, criado em 2005 em Porto Alegre, com representação em vários Estados brasileiros.

3. Ver mais em MARICATO, E. (et al). **Cidades rebeldes – passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013

do processo de impedimento da então presidente Dilma Rousseff (PT). Conforme as informações sobre o andamento do pedido de impeachment se tornavam públicas, os ânimos nas redes sociais, nos espaços de informação e de opinião da grande imprensa, bem como nas ruas se tornavam mais calorosos. Algumas situações traduzem bem esse sentimento de cisão. No início de abril, um muro de tapumes metálicos foi erguido na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, para dividir os grupos a favor e contra o governo Dilma. Nesse mesmo período, a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo dividiu a capital paulista em duas zonas distintas; os manifestantes favoráveis ao processo de impedimento deveriam ocupar a Avenida Paulista, enquanto aqueles que eram contrários ao impeachment foram encaminhados para a região central da cidade.

Essa forma de dividir os grupos de manifestantes, tomando-os como homogêneos em seu discurso – a favor ou contra, apenas –, fortaleceu esteticamente os contornos da imagem de um país bipolar. O que foi capitalizado e intensificado pelos discursos de vários veículos de comunicação. A cobertura jornalística das manifestações, apresentadas em sua distinção de cores – vermelhos petralhas, verde-amarelos coxinhas –, e a insistência na construção de uma identidade una e passível de reconhecimento desses dois grupos é outro ingrediente que contribui com esse sentimento de cisão.

Nas semanas que antecederam a decisão da Câmara dos Deputados a respeito do processo de impedimento de Dilma Rousseff, não apenas os espaços reservados à informação, mas também aqueles destinados à opinião nos veículos da mídia tradicional foram tomados pela temática de um país partido ao meio. No editorial do jornal “O Estado de S. Paulo” de 13 de março de 2016, o impeachment é defendido. O texto esboça os contornos identitários desse grupo que estaria reivindicando a saída da ex-presidente. “Chegou a hora de os brasileiros de bem, exaustos diante de uma presidente que não honra o cargo que ocupa e que hoje é o principal entrave para a recuperação nacional, dizerem em uma só voz, em alto e bom som: basta!” (O Estado de S. Paulo, 2016) – essa passagem recortada se mostra em consonância com os resultados das pesquisas de Saisi e Cioccarri acima mencionadas. Em outra parte do texto, “os brasileiros de bem” são identificados como “as famílias indignadas com a crise moral”. Por outro lado, os defensores do governo são nomeados de “matilha de petistas e agregados”, “essa turma”, entre outras fórmulas reducionistas.

O exemplo do editorial apresenta, até em cores, essa imagem de um país dividido em dois. Nas redes sociais, as pessoas se “pintaram” para indicar seu lado da batalha, as fotografias nos jornais, revistas e portais informativos também estiveram pautadas por essa distinção de cores. Além da questão estética, nesse momento ápice do antagonismo, o diálogo se torna impossível e apenas o embate puro, irracional e desprovido de lógica parecia ter espaço. O ódio tomou conta dos discursos até mesmo no Congresso Nacional – essa perspectiva é explorada por Natividade em seu trabalho de 2016.



## Maiorias em disputa

A apresentação de um país dividido em dois grupos coloridamente diversos como reforço do tônus bipolar não foi o único aspecto que contribuiu com o acirramento dos ânimos. Outro ponto que chama a atenção tem relação com uma certa disputa pela posição de maioria nacional. Ambos lados reivindicavam para si a posição de grupo majoritário o que garantiria a prerrogativa sobre as decisões para o futuro da nação. Não apenas os integrantes de um e de outro lado da disputa se esforçavam para ratificar qualquer indicador de seu status de maioria como as narrativas jornalísticas contribuíram para incendiar esse embate.

O argumento mais utilizado foi a estatística dos recenseamentos e pesquisas sobre o número de participantes nos atos públicos e sobre o número de votos das últimas eleições presidenciais. A cobertura jornalística de dois dias em especial dedicou espaço de destaque para os números que poderiam servir como indicador científico e, portanto, indiscutível de qual lado poderia ostentar o papel de maioria nacional. Em 13 e 18 de março de 2016, foram realizadas grandes manifestações a favor e contra, respectivamente, o processo de impedimento de Dilma Rousseff em várias localidades. As narrativas jornalísticas – e nesse ponto a ênfase se dá nos espaços de informação e não de opinião – sobre essas duas datas não deixam dúvidas a respeito da tentativa de definir uma maioria nacional.

Mesmo em situações em que as diversidades não estão em disputa declarada, essa questão de maiorias e minorias parece impor dificuldades e limitações para o convívio no mundo globalizado. Arjun Appadurai, em “O medo ao número pequeno – ensaio sobre a geografia da raiva” (2009), indica como e porque os estados-nacionais têm investido tanto em recenseamentos e censos para categorizar, organizar e ‘identificar’ os grupos que formam as nações. Em algumas situações é notável o quanto os resultados dessas pesquisas representam uma ficção e não um fato da realidade social.

Segundo Appadurai, o projeto do estado-nacional contempla a definição de uma nação com identidade una. Isso significa que, mesmo num mundo global marcado pelos constantes processos migratórios, há um esforço e investimento grandiosos na delimitação das identidades majoritárias que corresponderiam às identidades nacionais. Essa realidade denota uma contradição que é trabalhada por Appadurai a partir da alegoria de forças vertebradas e forças celulares, o estado-nação e as populações (minorias), respectivamente (Appadurai, 2009, p. 14). No cenário brasileiro, essa questão aparece na disputa pelo status de maioria na conjuntura bipolar o que também contribui com o aumento da agressividade.

Na análise de Appadurai, o processo de construção – o que indica um mecanismo artificial porque é uma ação deliberada, embora seja apresentada numa perspectiva de naturalização – das identidades nacionais não se baseia apenas na ideia de vínculos e características partilhadas entre indivíduos que fazem parte de

um mesmo grupo. Cada vez mais, há a necessidade de estabelecer, nessa realidade global, os contornos das nações pelas diferenças em relação àqueles que são considerados outsiders. Os antagonismos são colocados em destaque e a marcação dialética do “nós” e “eles” ou do “nós” e o “não-nós” resulta naquilo que o autor denomina de identidades predatórias.

Defino como “predatórias” aquelas identidades cuja mobilização e construção social requerem a extinção de outras categorias sociais próximas, definidas como ameaças à própria existência de algum grupo, definido como “nós”. (...) Identidades predatórias quase sempre são identidades majoritárias. Isto é, elas se baseiam em reivindicações sobre, e a favor de, uma maioria ameaçada. (...) identidades predatórias surgem naquelas circunstâncias em que maiorias e minorias possivelmente podem ser vistas como estando em perigo de trocar de lugar (Appadurai, 2009, p. 46-47).

A alteridade poderia ser vista, nessa perspectiva, como um mal necessário. Ela é, em várias situações, demonizada e responsabilizada por tudo que há de errado na sociedade, mas também ela é essencial para definir a identidade nacional. Sem esse outro bem definido, os contornos da nação ficariam borrados. Essa relação contraditória ou dialética entre maiorias e minorias resulta de um processo artificial, mas é apresentado de tal forma pelos Estados, com suporte dos atores que controlam os espaços de visibilidade (mídia), que passam a ser apreendidas como realidades naturais.

Além de criar identidades fictícias, a manipulação dos números e dos dados desses recenseamentos é usada como forma de incutir o medo, segundo Appadurai. Esse sentimento se dá, sobretudo, pela insegurança que as maiorias ‘possuem’ – na verdade, elas são levadas a acreditar nisso – ao se perceber sob risco de trocar de lugar com as minorias. A criação espetacular dessa sensação de insegurança se dá pelo fluxo de imagens, divulgadas pela mídia, do ‘eu’ e do ‘outro’ de maneira que “desmancham as linhas rígidas na borda das identidades de grande escala” (Appadurai, 2009, p. 66). Assim, ao olhar para a disputa entre petralhas e coxinhas na conjuntura contemporânea do Brasil, é possível perceber caracteres alinhados a esse embate entre minorias e maiorias.

Durante os momentos de acirramento de ânimos no Brasil, surgiram slogans que parecem exemplificar bem esse medo de uma suposta maioria perdendo seu espaço para uma também suposta minoria. “Queremos nosso país de volta”, “Devolva nosso Brasil”, “O Brasil é nosso” são algumas ocorrências anotadas nas redes sociais – essencialmente no Facebook – durante o período estudado. Nota-se o forte acento nessa propaganda do medo que acaba comportando o ódio a uma alteridade opaca, estereotipada. Gabriel Cohn, no texto “Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje” (1997), faz uma análise desse tipo de relação entre alteridades em disputa, mais precisamente entre alteridades que se encontram no estágio de predação, de necessidade de aniquilação do outro, como definido por Appadurai.

Cohn apresenta uma leitura do trabalho de Adorno e Horkheimer (2006) a respeito do antissemitismo. Ele indica que os autores da *Corrente Crítica* não estão tratando apenas do ódio ao judeu, mas fazem uma leitura que possibilita compreender, a partir desse processo de ódio específico, “novas formas de ofuscação”.

Os sujeitos ofuscados, segundo Cohn, são empobrecidos em sua razão e não compreendem o outro como alteridade, num sentido mais lato, mas apenas como um outro opaco (Cohn, 1997, p. 10). Esse padrão comportamental é, como se percebe pela leitura de Adorno e Horkheimer, irrefletido (2006, p. 156). Segundo Cohn, o pseudo-sujeito desse processo fixa o olhar em um traço determinado do outro que possa defini-lo numa perspectiva bastante limitada o que assegura a não-observância de nenhum traço de semelhança – são apenas coxinhas fascistas ou petralhas comunistas e não brasileiros com opiniões divergentes. Isso é determinante para manter esse outro distanciado; “a ofuscação de que aqui se fala não é tanto a cegueira quanto a paralisia do olhar, atento mas fixo num só ponto” (Cohn, 1997, p. 11).

Ao observar as fórmulas reducionistas utilizadas no editorial de “O Estado de São Paulo”, acima mencionado, bem como os principais jargões usados pelos dois grupos que rivalizam no cenário estudado, é possível notar que os indivíduos atacados como parte do grupo contrário são, em primeiro lugar, destituídos de sua condição de sujeitos complexos e desumanizados e, em segundo lugar, são observados como o “entrave para a recuperação nacional” (O Estado de São Paulo, 2016). Dessa forma, esses indivíduos precisariam, nessa lógica da identidade predatória, ser eliminados (Appadurai, 2009, p. 47).

## Alteridades abjetas e comportamento de grupo

Identificar o interlocutor como petralha ou vermelho, por um lado, e como coxinha ou verde-amarelo, por outro, faz com que toda e qualquer tentativa de manter algum diálogo seja frustrada. Na classificação organizada em dois polos possíveis, não existe espaço para a reflexão argumentada ou o debate de ideias a respeito dos problemas partilhados por uma nação. Há apenas culpados pelo estado das coisas e um grupo vitimado pelos erros alheios – seja o erro na hora de votar, seja o erro na condução da máquina pública<sup>4</sup>.

Há pistas, portanto, de que a agressividade crescente observada no cenário brasileiro se deve à intensificação dessa relação entre alteridades esvaziadas em sua característica humana. Essa forma de ver o outro seria o ponto central para perceber a importância desse tipo de fenômeno social e o perigo que seus desdobramentos podem comportar. A reflexão, ou seja, aquilo que poderia refrear esse tipo de esquema parece impotente diante desses movimentos. Nesse sentido, segundo Adorno e Horkheimer, o ódio dispensado a um grupo específico se insere na seara das ações irrefletidas. Mesmo que o ímpeto para o mal esteja recalçado e seja o combustível

4. É pertinente notar que essa mesma lógica é usada por ambos lados e serve como pseudo-argumento para desqualificar o grupo contrário.

para esse tipo de postura agressiva, o indivíduo está realmente logrado, participa sinceramente desse “idealismo dinâmico” que apresenta o outro de forma abjeta (Adorno e Horkheimer, 2006, p. 142).

A ausência de reflexão seria o aspecto doentio do antissemitismo e de todo tipo de ódio específico.

O patológico no antissemitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar. Ao invés de ouvir a voz da consciência moral, ele ouve vozes (Adorno e Horkheimer, 2006, p. 156).

Esse comportamento projetivo tem a ver com a formação mais primeva do ser humano que, segundo a psicanálise, engloba uma série de impulsos primitivos colocados sob controle pela civilização<sup>5</sup>. As paixões humanas recalçadas encontram nos idealismos dinâmicos um escape, assim a projeção necessita desse outro abjeto. Parece contraditório, mas o antissemitismo precisa do judeu (Adorno e Horkheimer, 2006, p. 152). Esse mecanismo que projeta em outrem o objeto da agressividade recalçada deve ser tomado como expressão não-racional (Adorno e Horkheimer, 2006, p. 156).

Essa ausência de racionalidade ou reflexão pode ser observada em situações recorrentes durante os períodos mais intensos desse tônus bipolar. Estar no lugar errado, com as cores erradas poderia representar um risco à integridade física. Em 16 de março de 2016, uma jovem de 21 anos passava pela Avenida Paulista (SP), com o namorado, quando foi abordada por um grupo que participava de um ato público contra o Governo Dilma Rousseff. Ela estava com uma bicicleta vermelha no momento o que teria chamado a atenção de algumas pessoas que a “acusaram” de ser petista. Após uma breve discussão sobre o direito ou não de passar pela via naquele momento, o casal quase foi espancado por pessoas que participavam da manifestação. No vídeo gravado por jornalistas que flagraram a cena, observa-se o momento em que a jovem toma uma bandeira usada por um manifestante e golpeia alguém que a empurrava. Em alguns espaços de comentários tanto nas redes sociais como nos portais informativos que publicaram o vídeo, alguns indivíduos auto-identificados ao grupo contrário ao governo acusaram a moça de desrespeito à Nação Brasileira pelo uso inadequado da bandeira nacional. Sem qualquer ponderação a respeito do linchamento<sup>6</sup> potencial, o “debate” se desenrolou sobre a importância do estandarte<sup>7</sup>.

O episódio da ciclista na Avenida Paulista revela um padrão comportamental de violência extrema e, ao que parece, é intensificado quando observado em grupos numerosos. Em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1996), Freud, com base em Le Bon, aponta para o fato de que certos comportamentos só são observados quando os

5. Ver mais em FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.129-194.

6. Segundo dados divulgados pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, o Brasil pode ser o país com maior número de linchamentos no mundo. Os detalhes sobre os levantamentos realizados podem ser consultados em <http://www.nevusp.org>

7. Veja mais detalhes sobre o mencionado episódio em reportagem do G1 “Casal é agredido durante ato contra Lula e Dilma na Avenida Paulista”, publicada em 16/3/2016.

indivíduos se encontram em grupo (Freud, 1996, p. 84). Mesmo que os componentes do grupo sejam marcados por características distintas, quando tomados individualmente, na dinâmica coletiva apresentarão posturas similares e de uma natureza (sentimentos e ações) que seria impensada como padrão comportamental isolado. Além do caráter médio compartilhado, a participação na dinâmica coletiva acaba por introduzir no repertório das pessoas características novas que elas não possuíam anteriormente. Segundo Le Bon, na interpretação de Freud, isso se dá por três fatores diferentes. O primeiro deles é o desaparecimento completo do sentimento de responsabilidade; o segundo é o chamado contágio em que o indivíduo se submete a um padrão coletivo, sacrificando seu interesse particular; e terceiro, a sugestionabilidade que parece compreender o segundo fator mencionado (Freud, 1996, p. 85-86).

Ao entender que o indivíduo perde sua personalidade na dinâmica de grupo, Freud aponta como resultado da imersão prolongada em tal dinâmica a perda de consciência. Como uma hipnose, ou um estado de fascinação, a consciência individual é completamente superposta por essa influência “magnética” do grupo o que possibilita um “alto grau de exaltação” (Freud, 1996, p. 86). Essa interpretação parece adequada para compreender as atitudes do grupo envolvido no episódio da ciclista na Avenida Paulista.

Além da agressividade crescente, outra característica recorrente durante esse período de intensificação do tônus bipolar é a ausência de racionalidade ou reflexão, no sentido trabalhado por Adorno e Horkheimer. Em 17 de março de 2016, por exemplo, um dos líderes do grupo Revoltados Online, Marcello Reis, foi expulso da Avenida Paulista por manifestantes que acampavam no local. O inusitado da situação é que Reis e seus companheiros defendiam o impeachment de Dilma Rousseff e pediam a prisão do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, ambos do PT. O Revoltados Online era um dos coletivos com maior poder de mobilização para convocar manifestações do grupo alinhado à direita nesse processo de polarização nacional e os acampados que expulsaram Reis da avenida também faziam parte desse grupo. Ao justificar sua atitude para os jornalistas que registraram a situação, um dos manifestantes que enfrentou Reis afirmou ter tomado essa iniciativa porque “o cara é comunista” (Brasil Post, 18/3/2016).

De acordo com a notícia citada, Marcello Reis foi ao acampamento para pedir aos manifestantes que deixassem o lugar. Isso porque uma grande manifestação favorável à Dilma Rousseff e Lula havia sido convocada para o endereço. Ele explicou na ocasião que sua intenção era dissuadir o grupo de continuar acampado para evitar enfrentamentos com os manifestantes do outro polo. A atitude ponderada acabou tendo um efeito inesperado entre aqueles que supostamente estariam do seu lado. Segundo Freud, a mentalidade dos grupos é marcada pela infantilidade e assim deve ser observada.

Na avaliação freudiana, a mentalidade grupal é impulsiva, não pode esperar muito entre o desejo e a realização de sua vontade, é crédula e suscetível à influência externa por não possuir senso crítico. Além disso, o grupo pensa por imagens e as-

sociação de imagens<sup>8</sup>, prescinde de raciocínio lógico para elaborar seus argumentos, por isso uma suspeita se transforma rapidamente em certeza absoluta e, algumas vezes, dá base para reações furiosas. O controle do grupo é, portanto, pautado pelo exagero e repetição exaustiva. O grupo demanda, como liderança, a força e até mesmo a violência (Freud, 1996, p. 89).

Um grupo, ainda, está sujeito ao poder verdadeiramente mágico das palavras, que podem evocar as mais formidáveis tempestades na mente grupal, sendo também capazes de apaziguá-las [...] E, finalmente, os grupos nunca ansiaram pela verdade. Exigem ilusões e não podem passar sem elas. Constantemente dão ao que é irreal precedência sobre o real (Freud, 1996, p. 90-91).

Não é difícil encontrar paralelos entre a descrição de Freud e os comportamentos apresentados pelos indivíduos e o reforço (pela visibilidade) observado nas narrativas da imprensa durante o período estudado. Os discursos se pautavam, em sua maioria, por suspeitas e boatos que eram abordados como certezas absolutas. Bastava uma ideia, mesmo sem os necessários critérios de confirmação que a prática da apuração jornalística demanda, “vazar” para a imprensa que a informação passava a ser usada como base para inflar os ânimos.

Tomar como verdade um boato, usar uma imagem editada – muitas vezes mal editada – para embasar um argumento fazem parte do padrão comportamental compartilhado pelos indivíduos nesse período. Unidos sob a insígnia da intolerância e do ódio ao outro, esses grupos se formaram de maneira surpreendente e pareciam responder de forma articulada às situações apresentadas pelo cenário político. O que indicaria a existência, ou necessidade, de algum tipo de liderança que pudesse responder como agregadora ou articuladora dessas pessoas. Mas, conforme observado no episódio de Marcelo Reis, esse papel não parece ter sido desempenhado por pessoas específicas.

De acordo com Freud, nem sempre a liderança é exercida por um indivíduo líder. Mas para que alguém, ou alguma ideia, seja alçado ao papel de líder é preciso que este represente as qualidades requeridas ou respeitadas pelo grupo. Só assim, o líder, seja uma pessoa ou uma ideia, desfrutará de prestígio (Freud, 1996, p. 91).

Para demonstrar como esse processo funciona na dinâmica dos grupos, Freud organiza as coletividades em duas grandes categorias, as associações estáveis (como a família e os coletivos de trabalho) e grupos efêmeros cuja associação se deu por um interesse momentâneo (Freud 1996, p. 94). O segundo tipo é, por alguns autores, nomeado de multidão. Sua especificidade, segundo Freud, se dá pela formação ocasional. Para que esse tipo de associação aconteça, é preciso haver um interesse, um objetivo ou sentimento psicológico comum (Freud, 1996, p. 94-95). Os indivíduos se reúnem sob a tutela de um sentimento compartilhado e quanto maior o número de pessoas envolvidas, maior a capacidade de atração do grupo. Nesse tipo de dinâmica, o indivíduo perde sua autonomia e passa a agir de acordo com a emoção.

8. Essa percepção está totalmente alinhada ao conceito de espetáculo proposto por Debord. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (Debord, 2012, p.14).

O grupo de associação efêmera é mais simples e se diferencia dos grupos estáveis. Citando McDougall, Freud apresenta cinco características essenciais para que um grupo seja considerado organizado. Em primeiro lugar, é imprescindível que ele possua continuidade, isto é, permanência; é necessário também que todos os participantes do grupo conheçam minimamente a natureza, os objetivos, os interesses e funções da coletividade que formam; o grupo deve ainda ser capaz de se relacionar com outros grupos de natureza similar; os partícipes do grupo devem partilhar hábitos, costumes e tradições; e, por último, a estrutura do grupo deve ser bem delineada (Freud, 1996, p. 96-97).

Essa categorização não dá conta de um questionamento levantado no texto por Freud, como e por que as pessoas se associam. O autor usa a ideia de sugestão como forma de compreender o que permite essa adesão pelo indivíduo. Essa seria uma característica “fundamental da vida mental do homem” (Freud, 1996, p. 100). Para entender a sugestão, Freud utiliza seu conceito de Libido que, por muitas vezes, foi equivocadamente vinculado a uma perspectiva puramente sexual. Segundo ele, essa ideia é, em verdade, a tradução do amor em sua totalidade.

Libido é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra ‘amor’. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. Mas não isolamos disso — que, em qualquer caso, tem sua parte no nome ‘amor’ —, por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a ideias abstratas (Freud, 1996, p. 101).

Seria, na perspectiva de Freud, possível indicar que esses sentimentos amorosos também fazem parte da essência da mente grupal (Freud, 1996, p. 102).

A partir dessa noção de que a mentalidade coletiva tem em sua essência a libido, Freud analisa dois grupos altamente organizados, a Igreja e o Exército. Há nesses dois tipos de coletividade uma incerteza sobre a existência ou não de uma figura de liderança, isto porque em ambos modelos esse líder é representado por uma figura ilusória – Cristo e o comandante-chefe. Mesmo sendo pouco concreta, essa figura representa o amor dispensado a todos que fazem parte do grupo. Esse sentimento pauta a interação entre os vários membros do grupo entre si – a ideia do amor em Cristo pelos ‘irmãos’ cristãos. Esse sentimento recíproco é o laço que mantém os vínculos entre os indivíduos no grupo (Freud, 1996, p. 106-107).

O autor conclui, nessa análise do Exército e da Igreja, que os grupos sem líderes, na verdade, estão organizados em torno de uma ideia comum, uma abstração que toma o lugar do líder.

Teremos de considerar se os grupos com líderes talvez não sejam os mais primitivos e completos, se nos outros uma ideia, uma abstração, não pode tomar o lugar do líder (estado de coisas para o qual os grupos religiosos, com seu chefe invisível, constituem etapa transitória), e se uma tendência comum, um desejo, em que certo número de pessoas tenha uma parte, não poderá, da mesma maneira, servir de sucedâneo. Essa abstração, ainda, poderá achar-se mais ou menos completamente corporificada na figura do que poderíamos chamar de líder secundário, e interessantes variações surgiriam da relação entre a ideia e o líder. O líder ou a ideia dominante poderiam também, por assim dizer, ser negativos; o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição poderia funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva (grifo nosso). Surgiria então a questão de saber se o líder é realmente indispensável à essência de um grupo, e outras ainda, além dessa (Freud, 1996, p. 111).

Dessa união, sob a tutela de um líder ou ideia dominante, surge um sentimento de amor (libido) entre os que partilham essa experiência coletiva. Na persistência do grupo, os indivíduos que dele fazem parte toleram suas diferenças e se sentem semelhantes, quando isso seria impensável fora do grupo (Freud, 1996, p. 113).

Essa avaliação da organização dos comportamentos em grupo soa bastante próxima ao observado no cenário brasileiro aqui estudado. Os grupos que disputam a legitimidade de maioria da população, no sentido de Appadurai, se formam em torno do sentimento negativo a uma ideia condensada, sobretudo, na figura da ex-presidente Dilma Rousseff. Tanto o grupo contrário ao governo petista quanto o que defendia a permanência da presidente são marcados pela heterogeneidade de seus componentes; não apresentam vínculos concretos com um histórico de formação ou objetivos claros, como é comum aos grupos organizados; não comportam uma relação hierárquica – não há lideranças reconhecidas e enaltecidas, mesmo que tenha havido tentativas de cooptação desse espaço por grupos e líderes políticos –; os indivíduos não possuem papel específico em sua organização e as diferenças são sistematicamente ignoradas em prol dessa ideia ou sentimento unificador.

As indicações do padrão comportamental ou as características da mentalidade do grupo apresentadas por Freud também parecem se adequar à compreensão do presente cenário de estudo. Certas fórmulas do discurso comumente empregadas no embate observado entre esses dois grupos parecem desprovidas de lógica racional, mesmo assim são rapidamente aceitas pelo grupo e repetidas exaustivamente por seus adeptos. O uso banalizado de conceitos complexos como marxismo, comunismo e fascismo pode ser elencado como exemplo, assim como as denúncias de corrupção que viraram arma para a argumentação e defesa de ambos lados, mesmo que tais denúncias sejam, em alguns casos, meras especulações.

A pressa em sedimentar o solo da bandeira, a favor ou contra o então governo, está perfeitamente alinhada à essa noção freudiana de comportamento de



grupo no sentido da multidão. O sentimento unificador em ambos lados é negativo, se constitui como ódio (específico) a uma determinada forma de exercício político representada por uma pessoa (Dilma Rousseff) ou um grupo (os opositores ao governo petista). Embora esse sentimento pareça construído com base numa relação superficial e, portanto, esvaziada de sentido – o que impõe o resgate da ideia de espetacularização da sociedade, conforme Debord –, ele é o aspecto agregador dos dois grupos. É pertinente observar que quanto maior esse sentimento negativo dedicado a essas abstrações, mais acirrada se torna a agressividade.

## Considerações

Ao observar o desenvolvimento desse cenário recente da história do Brasil por meio das narrativas jornalísticas, foi possível constatar que, embora a imprensa tenha um papel importante nesse processo, não há que se resumir a esse espaço de visibilidade a responsabilidade pelo acirramento da polarização social. Na busca por um suporte teórico que pudesse auxiliar na compreensão desse processo, encontrou-se uma saída possível na conjugação da perspectiva de maiorias em disputa (Appadurai) e comportamento de grupo (Freud). Partindo da costura entre essas duas perspectivas teóricas sobre a organização dos grupos sociais, pondera-se a possibilidade de começar a compreender a estruturação do tônus de bipolaridade observado na conjuntura brasileira contemporânea.

Propõe-se, então, trabalhar com a ideia de que o aspecto agregador dos dois grupos que rivalizam no cenário estudado é um sentimento negativo devotado a uma ideia, condensada na imagem de uma pessoa, a ex-presidente Dilma Rousseff, e de um grupo, seus opositores. Parece mais claro observar essa relação no grupo que se opõe à ex-presidente por, obviamente, seus componentes se posicionarem de forma agressiva à figura da pessoa Dilma Rousseff. Mas o outro grupo, que se constitui em oposição, também parece se fundamentar como alteridade absoluta – e restrita<sup>9</sup> – aos críticos do governo petista. As duas coletividades surgem como oposição entre si e seus contornos parecem proporcionalmente mais delineados conforme a agressividade entre ambos aumenta. Esse fator acaba por realçar a importância do chamado instinto de hostilidade dos grupos, segundo Freud. “É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade” (Freud, 1978, p. 169)<sup>10</sup>.

Essa relação é pautada, portanto, por um sentimento negativo e a existência dessas duas multidões – para usar o termo específico desse tipo de formação de grupo – está baseada na noção de alteridade (contra e a favor o governo petista) o que denota uma dependência mútua entre os dois coletivos. Com base nessa cons-

9. Restrita porque se fundamenta nessa, e não somente nessa, relação de alteridade.

10. Nessa passagem fica clara a necessidade de ir mais a fundo na noção de narcisismo para compreender melhor os comportamentos apresentados pelos indivíduos que fazem parte do cenário analisado. Mas, por questão de limitação de espaço, não foi possível fazer isso aqui.

tatação preliminar, pode-se entender que a psicologia de grupo freudiana e a visão de identidades predatórias de Appadurai formam uma base teórica adequada para a compreensão dessa conjuntura brasileira contemporânea.

No que diz respeito especificamente ao papel das narrativas jornalísticas como elemento de reforço dessa disputa, é pertinente frisar o potencial de mediação dialógica não-aproveitado. Na análise aqui apresentada, os exemplos de participação da imprensa, portanto da comunicação jornalística, apontam para um alinhamento à perspectiva de esvaziamento dos sujeitos – o excesso de números, a descaracterização dos indivíduos pela ênfase dada a um aspecto de sua identidade que resulta no outro opaco (Cohn, 1997), entre outras formas mencionadas. Essa postura, longe de ser um padrão inevitável de narrativa dessa realidade, pode ser considerada uma decisão editorial deliberada do que já aparece nos estudos do Grupo de Pesquisa aqui utilizados. Assim, observa-se o papel central, pelo controle da visibilidade e reforço dessa polarização, desempenhado pelas narrativas jornalísticas, embora seja possível constatar em alguns momentos da própria cobertura que a multidão não responde exatamente a um líder e não seria defensável atribuir à mídia uma responsabilidade completa e total pela conjuntura social mais ampla.

Por outro lado, uma contrapartida sempre possível a essa fórmula esvaziada de sentido, espetacularizada, é o chamado diálogo social proporcionado pelo mediador jornalista. Cremilda Medina, em inúmeros trabalhos publicados, discute justamente a abordagem jornalística que permite um processo de interação social criadora englobando os sujeitos sociais que participam da tríade comunicacional (fontes, jornalista e público). A contrapartida ao movimento presente nos discursos aqui representados não é, como bem observado em outros estudos (Rovida, 2015), apenas um ideal do fazer jornalístico, mas uma potencialidade que se bem aproveitada pode ser um importante instrumento de diálogo numa sociedade conflituosa.

Talvez seja pertinente avaliar e experimentar possibilidades de abordagens distintas dessa lógica bipolar como alternativa para uma participação mais engajada do jornalista e do jornalismo nessa conjuntura. Nesse sentido, seria preciso observar com mais afinco iniciativas com esse perfil e acompanhar como as multidões tendem a reagir diante de uma narrativa que clama pela reflexão e apela para uma interação entre sujeitos que, embora distintos em vários aspectos, também guardam semelhanças e, portanto, pontos de contato.

Seria possível amenizar a agressividade extrema ao mostrar uma perspectiva menos opaca dessa realidade e dos sujeitos que dela fazem parte? Com base em experiências anteriores – que, obviamente, não apresentam um cenário como o aqui estudado dadas as singularidades do momento –, seria possível acreditar que sim. É preciso testar.

## Referências

- ADORNO e HORKHEIMER. Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p.139-171.
- APPADURAI, Arjun. **O medo ao número pequeno – ensaio sobre a geografia da raiva**. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- ARAÚJO, Thiago de. Sinal dos tempos: Líder do Revoltados Online é chamado de ‘comunista’ e acaba expulso de ato pró-impeachment. Brasil Post. Disponível em <[http://www.brasilpost.com.br/2016/03/18/expulsao-revoltados-online\\_n\\_9497028.html](http://www.brasilpost.com.br/2016/03/18/expulsao-revoltados-online_n_9497028.html)> Acesso em 6: de jul. de 2016.
- CARVALHO, Rodrigo de. **Governo Lula: a mídia e a construção da hegemonia Rodrigo de Carvalho**. Apresentação realizada no III° Seminário Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo, realizado na Faculdade Cásper Libero (SP), em 17 e 18 de out. de 2014.
- \_\_\_\_\_. **Mídia e Democracia: Análise das manifestações de junho de 2013**. Apresentação realizada no II° Seminário Comunicação e Cultura na Sociedade do Espetáculo, realizado na Faculdade Cásper Libero(SP), em 18 e 19 de out. de 2013.
- CASAL agredido durante ato contra Lula e Dilma na Avenida Paulista. G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/casal-e-agredido-durante-ato-contra-lula-e-dilma-na-avenida-paulista.html>> Acesso em 15: de jun. de 2016.
- CHEGOU a hora de dizer: basta! O Estado de São Paulo, 13 mar. 2016. Opinião, p. A3.
- CIOCCARI, Deysi. A queda: os últimos meses de Dilma Rousseff pelas páginas do Jornal Folha de S. Paulo. **Alterjor**, São Paulo: 2016, v.2, jul. 2016.
- \_\_\_\_\_. **A queda: os últimos meses de Dilma Rousseff pelas páginas do jornal Folha de S. Paulo**. Apresentação realizada no IV° Seminário Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo, realizado na Faculdade Cásper Libero (SP), de 19 a 22 de out. de 2016.
- COELHO, Claudio Novaes. **Poder e sociedade do espetáculo: a atuação da mídia e a democracia no Brasil**. Apresentação realizada no IV° Seminário Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo, realizado na Faculdade Cásper Libero (SP), de 19 a 22 de out. de 2016.
- COHN, Gabriel. Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje. Lua Nova, n° 43, 1997, p.5-25.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo – comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.129-194.

FREUD. Psicologia de grupo e análise do ego. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVIII, p.79-154.

MARICATO, E. (et al). **Cidades rebeldes – passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Atravessagem** – reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

\_\_\_\_\_. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

NATIVIDADE, Eliana. **A votação na câmara e os vestígios da ditadura**.

Apresentação realizada no IV° Seminário Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo, realizado na Faculdade Cásper Libero (SP), de 19 a 22 de out. de 2016.

NATIVIDADE, Eliana. **Manifestações de papel: a ascensão espetacular do conservadorismo nas ruas brasileiras, em março de 2015**. Apresentação realizada no III° Seminário Comunicação e Cultura na Sociedade do Espetáculo, realizado na Faculdade Cásper Libero (SP), de 15 a 17 de out. de 2015.

\_\_\_\_\_. **Mídia ninja na grande mídia**. Apresentação realizada no II° Seminário Comunicação e Cultura na Sociedade do Espetáculo, realizado na Faculdade Cásper Libero (SP), em 18 e 19 de out. de 2013.

ROVIDA, Mara Ferreira. **Jornalismo em trânsito – o diálogo social solidário no espaço urbano**. São Carlos: Edufscar, 2015.

SAISI, Katia. A construção da imagem política de Dilma Rousseff na mídia: a propaganda televisiva x a cobertura jornalística na Folha e no Estado na campanha de 2010. **Aurora**, São Paulo: 2014, v. 7, n. 20, p. 31-50, jul. 2014.

\_\_\_\_\_. **A construção da imagem política de Dilma Rousseff na mídia: a propaganda televisiva x a cobertura jornalística na Folha e no Estado na campanha de 2010**. Apresentação realizada no III° Seminário Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo, realizado na Faculdade Cásper Libero (SP), em 17 e 18 de out. de 2014.

VILLAMÉA, Luiza. Todos os vínculos foram explodidos. Revista Brasileiros. Disponível em <<http://brasileiros.com.br/2016/04/todos-os-vinculos-foram-explodidos/>> Acesso em: 7 de jul. de 2016.